

# memória CULT

Ouro Preto - MG - Brasil - Ano V - nº14 - setembro de 2015



Uma ermida aí pelos sertões  
por Manoel Hygino



Capitão-Mor: Tomé Rodrigues Nogueira do Ó  
por Marcos Paulo de Souza Miranda



Entrevista:  
Angelo Oswaldo, a personalização da cultura de Minas

# UMA ÓTIMA OPÇÃO DE LAZER ESTÁ VOLTANDO PARA VOCÊ. ADIVINHE QUAL É?



Em breve, as famílias vão curtir um espaço renovado pela Assembleia Legislativa com a parceria da Prefeitura de BH.



**ASSEMBLEIA  
DE MINAS**  
Poder e Voz do Cidadão

**E**m sua missão originária de preservar a memória e a cultura de Minas, apresentamos mais uma edição da revista Memória CULT, quando destacamos a entrevista com o secretário de Estado de Cultura, Angelo Oswaldo, que tão bem representa esses valores que pautam as edições desta publicação.

Aqui, outros artigos e matérias vêm reforçar esse compromisso editorial, como a crônica do acadêmico Manoel Hygino, quando traz à luz uma capela no sertão roseano destas Minas Gerais. Marcos Paulo de Souza Miranda faz mais um resgate da memória de Minas, quando relembra os primórdios dos Gerais e nos apresenta a figura de Tomé Rodrigues Nogueira do Ó, português originário que veio fazer história no Brasil.

Outro fato importante é a publicação e lançamento da biografia do grande mineiro e brasileiro José Aparecido de Oliveira, como destacou o jornalista Sebastião Nery, amigo de Aparecido desde a juventude. Minas e o Brasil deviam a José Aparecido de Oliveira esta biografia, o que recebemos de forma festiva.

José Celso Garcia relembra o pioneirismo do cinema brasileiro e de seu nascimento no Sul de Minas, mais especificamente na estância hidromineral de São Lourenço. O texto é mesmo uma revelação. Petrônio Souza Gonçalves relembra a chegada dos modernistas da Semana de 22 a Belo Horizonte, já em 1924, quando são recebidos pelos modernistas mineiros, entre eles Carlos Drummond de Andrade, Milton Campos e Pedro Nava, um encontro que ficou na história.

Finalizando, a solenidade e homenagem à acadêmica Nélida Piñon em São Lourenço, que contou com a presença do jornalista Rogério Tavares, que faz um registro nesta edição, além dos textos do desembargador Afrânio Vilela, A Precedência do Juiz, colaborador contumaz que engrandece esta revista, e do historiador Mauro Werkema, que faz uma avaliação sobre a questão hídrica em Minas Gerais e destaca o livro publicado pela editora Graphar, de Ouro Preto.

Cabe registrar, com já feito em números anteriores, que esta publicação não tem qualquer relação com a Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

Desejamos uma boa leitura a todos,



### **Eugênio Ferraz**

Diretor Executivo e Editor Geral da Memória CULT

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do IHGMG. Servidor do Ministério da Fazenda desde 1974, foi o Superintendente em MG de 1998 a 2011.

É o Diretor-Geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais

## Sumário

Fotografias: Divulgação



**11** **Capitão-Mor: Tomé Rodrigues Nogueira do Ó**  
por Marcos Paulo de Souza Miranda

**08** **Uma ermida aí pelos sertões**  
por Manoel Hygino

**04** **Página do Artista**

**15** **Uma paixão pelo cinema**  
por José Celso Garcia

**05** **Entrevista: Angelo Oswaldo**  
por Petrônio Souza Gonçalves

**18** **O Belo de Belo Horizonte**  
por Petrônio Souza Gonçalves

**14** **Minas era diferente**  
por Sebastião Nery

**21** **São Lourenço,  
ilustre poesia**

**18** **A precedência do Juiz**  
por J. Afrânio Vilela

**21** **Livro revela situação grave das águas de Ouro Preto**  
por Mauro Werkema



## Espaço do leitor

Agradecemos o envio de críticas, sugestões e comentários para o aprimoramento desta revista: **memoriacult@gmail.com**. A Memória CULT poderá editar manifestações de leitores selecionadas para publicação, não necessariamente na edição subsequente.

Prezado Eugênio,

Que bela publicação esta revista Memória CULT. Bem editada, bem organizada, com textos que relembram fatos marcantes desta Minas Gerais, de tantas histórias e glórias. Minas tem papel central e fundamental na história do Brasil e sua revista revela isso.

Parabéns pela edição, aguardando os próximos números,

**Domingos Meirelles**

**Jornalista e presidente da ABI**

Prezado amigo Eugênio Ferraz,

É sempre com muita alegria que recebo a Revista Memória CULT.

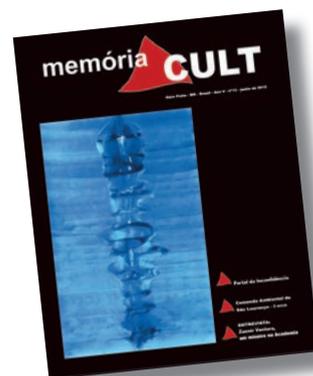
As matérias que a compõe são sempre muito ricas, oferecendo ao leitor o que há de melhor em conhecimento geral de nossa história, redigidas com elegância e bom gosto.

Ressalto ainda a forma gráfica em que nos é apresentada, com arte e beleza.

Meu sincero agradecimento.

**Yeda Prates Bernis**

**Membro da Academia Mineira de Letras**



### ÚLTIMA EDIÇÃO

Na edição número 13, a Revista Memória CULT, entre outros assuntos, abordou os cinco anos da Comenda Ambiental Estância Hidromineral de São Lourenço.

## EXPEDIENTE **memória** CULT

**Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil - ano V - nº14 - setembro de 2015**

**Diretor Executivo e Editor Geral** | Eugênio Ferraz - Reg.: 8.172-MG

**Editor** | Petrônio Souza - Reg.: 7.124-MG

**Projeto Gráfico** | Raphael Simões

**Revisão Ortográfica** | Acácio Cândido da Silveira Santos

**Foto do quadro da capa** | acervo do artista

As manifestações expressas em artigos são de inteira responsabilidade dos respectivos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da publicação.



# Marco Velasquez: A Cor Sensível

O primeiro suporte que recebeu uma obra de Marco Velasquez foi o papel fotográfico preto e branco. Num pequeno laboratório improvisado nos fundos de sua casa, o artista fazia surgir da superfície do papel imagens que controlava através do uso do tempo em sua maior ou menor definição. A escolha da superfície também era decisiva: mate, brilhante, corrugado ou liso. E tudo isso como resultado do tipo de negativo e a puxada na relação de imprimibilidade da película. Esses elementos voltariam com toda força na obra plástica do artífice.

Passando à pintura após uma temporada na fotografia digital, Marco Velasquez vai sofrer a influência daquilo que o formou. Uma tela sua sempre estará impregnada dos elementos com os quais se acostumou a lidar durante sua prática como fotógrafo. A primeira escolha é pelo grão. Desde o início a presença da granulação, ora mais fechada ora mais aberta é evidente. Buscando uma leitura pessoal do pontilhismo, suas telas apresentam soluções altamente sofisticadas em termos de imagens descritas através de pontos. Em seguida, o uso intensivo de texturas, seja através de suportes próprios, seja com a materialidade da própria tinta revela a sua intimidade com o mundo das superfícies de múltiplas características.

Num salto ainda mais significativo vemos suas transparências se referirem aos diapositivos, aos slides e até mesmo aos negativos que se analisa contra a luz para que ganhem sua dimensão de vida.

Enfim, num uso inovador para as artes plásticas brasileiras, Marco Velasquez faz vir da China os pigmentos termocrômicos, que novamente introduzem a dimensão do tempo nas suas revelações. Agora é a temperatura ambiente que determina a expressividade da obra plástica. O laboratório é a própria natureza, suas circunstâncias e o ambiente onde o quadro está exposto. Assim, se fecha um ciclo de coerência criativa. Apenas as circunstâncias mudaram, mas o processo do olhar e do executar é o mesmo que atravessa e dá identidade e valor estético à sua prática desde os inícios.

Marco Velasquez participou de exposições e leilões de arte promovidos pela galeria TNT. Alguns cursos no Parque Lage, em especial com o Mestre das cores José Maria Dias da Cruz. Teve seu trabalho abordado em artigo do crítico de arte Luiz Carlos Prestes Filho. Participou da ArtExpo New York 2015.

Texto: Tiberio Augusto

Fotografia: Divulgação: <http://oglobo.globo.com>



Fotografias: Acervo do Artista



*A Yellow Harley*  
Acrilica termocrômica sobre tela



*Cristo Redentor*  
Vinílica sobre transparência





# ANGELO OSWALDO, A PERSONALIZAÇÃO DA CULTURA DE MINAS

Fotografia: Divulgação



“Um povo sem cultura e como um corpo sem alma”, já dizia José Aparecido de Oliveira, fundador da Secretaria de Estado de Cultura, hoje ocupada por Angelo Oswaldo de Araújo Santos, que pela segunda vez assume a pasta no Estado. Homem devotado às artes e às letras, Angelo Oswaldo é jornalista, escritor e advogado, foi por três vezes prefeito de Ouro Preto; presidente do IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus; exerceu, interinamente, o cargo de ministro da Cultura do Brasil, foi editor do Suplemento Literário de Minas Gerais e dirigiu o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

Sobre essa nova passagem pela Secretaria de Estado de Cultura, Angelo Oswaldo fala, com exclusividade, à revista Memória CULT, destacando projetos, programas, sonhos e alguns desafios.

**MC - Secretário Angelo Oswaldo, esta é a sua segunda passagem pela Secretaria de Cultura. Em que sua atual gestão difere da primeira?**

Angelo Oswaldo - A convite do nosso governador Fernando Pimentel, e com o incentivo do vice-governador Antônio Andrade, voltei à Secretaria de Cultura doze anos depois de ter atuado nos quatro anos do mandato estadual de Itamar Franco. Cultura é tudo. É a vida, nas suas diversas dimensões materiais e espirituais. É o gesto, o olhar, a expressão, a linguagem. Tudo é cultura, e por isso tudo naturalmente muda, num processo incessante de mutação. Assim, é claro que a realidade tem novo desenho e desafios inéditos. A experiência nos ajuda a compreendê-los, visando uma atuação dinâmica e intensa. Há, no entanto, uma distância muito grande entre as políticas de cultura

do entretanto e o que passamos a buscar neste governo. O importante é o compromisso do governador Fernando Pimentel com as transformações positivas, no sentido da democratização dos acessos, valorização das regionalidades, escuta e diálogos permanentes.

**Alguma ação específica que o senhor planejou na primeira e está implementando agora?**

A atenção para com as regiões de um Estado que compreende 853 municípios é uma grande meta. Só um governo comprometido com o social poderia restabelecer o diálogo amplo e enfatizar a questão regional. O secretário de Estado de Cultura tem que articular sua atuação tendo em vista o conjunto do Estado, e não apenas a capital.



*“O desafio é colossal, até porque não apenas os tombamentos nos preocupam, porém todo o universo do patrimônio mineiro.”*

**Minas detém o maior patrimônio histórico arquitetônico do Brasil. Qual a política de Estado que está sendo tomada para a preservação deste acervo?**

Existe a lenda de que Minas Gerais detém 60 por cento dos bens tombados pelo IPHAN. É um exagero, talvez tenhamos cerca de 20 por cento. Mas é uma demasia que nos desperta para a enorme tarefa, melhor dizendo, para a grande missão da salvaguarda dos bens culturais de nosso Estado. O desafio é colossal, até porque não apenas os tombamentos nos preocupam, porém todo o universo do patrimônio mineiro. Daí a importância do diálogo, da soma de esforços, da busca de parceria e da mobilização da sociedade e do cidadão. A Secretaria e o IEPHA têm que atuar em sintonia com o IPHAN e as Prefeituras, bem como junto a todas as instâncias culturais, das escolas às associações, das paróquias e dioceses aos promotores de Justiça, das empresas aos grupos organizados da comunidade. Lançamos uma nova política estadual de patrimônio, com base na revitalização e modernização do IEPHA, em sintonia com as demandas apuradas no diálogo com as Prefeituras, secretarias municipais e conselhos de patrimônio. São quase 700 conselhos em atuação no Estado. O aprimoramento do ICMS Cultural e a valorização do Fundo estadual de Cultura logo terão um impacto positivo na resgões.

**O Circuito Cultural da Praça da Liberdade ganhou grande projeção nacional. A Secretaria tem alguma ação para uma maior divulgação e ampliação do Circuito Cultural da Praça da Liberdade?**

A verdade é que cabe ao atual governo implantar, efetivamente, o Circuito Cultural Praça da Liberdade. Encontramos cinco instituições mantidas pela iniciativa empresarial de maneira exitosa: CCB, Museu Guerdau, Memorial da Vale, Casa Fiat e Espaço do Conhecimento. O que era de responsabilidade do governo estava em situação lamentável. O Palacete Dantas, o Sobrado Narbona, a Rainha da Sucata, a casa do IEPHA na Rua da Bahia e o prédio do IPSEMG foram encontrados fechados e danificados. A Biblioteca Pública, com a cobertura deteriorada, o Museu Mineiro parcialmente fechado e o Arquivo Público bastante comprometido estavam à deriva. Há ainda outras edificações sem destinação definida ou pertinente. Assim, cumpre ao governo Fernando Pimentel consolidar o Circuito. O Palácio da Liberdade foi fechado para a visitação, a fim de serem adequadas as condições necessárias à visita. Não havia nem sanitários, nem local para serviço de água ou refrigerantes para o público. O correto teria sido reservar-se o Palácio dos Despachos como base para a utilização museológica do Liberdade. Mas conseguimos equacionar o problema com algumas obras no pavilhão dos jardins do Palácio. O Liberdade voltará, em breve, a receber visitantes. A gestão do Circuito se faz agora pelo IEPHA, com excelentes resultados e custos reduzidos.

**Secretário, como andam as ações da Secretaria nos pólos regionais de cultura?**

Os fóruns regionais estão levantando as aspirações e demandas de cada região, por meio da participação da população. É uma iniciativa de máxima importância do

governo Fernando Pimentel. O cidadão mineiro pode falar e ser ouvido, finalmente. A Secretaria de Cultura participa e acompanha, no sentido de manter sintonia com as contribuições que se somam.

**A Rede Minas de Televisão e a Rádio Inconfidência sempre foram muito utilizadas pela Secretaria para difundir de forma estadual os seus projetos. O senhor pensa em expandir esses canais de diálogo com a população?**

O fato é que estamos em pleno processo de resgate da Rede Minas e da Rádio Inconfidência, que encontramos em situação complexa e debilitada. Felizmente, graças às novas diretrizes e ao empenho dos gestores, com decidida participação dos servidores das emissoras, que sonhavam com esse momento de revigoração, os resultados já se revelam animadores. Estamos no caminho certo.

**O senhor já foi editor do Suplemento Literário, como o senhor encontrou o Suplemento quando assumiu a Secretaria de Cultura no início de 2015? Haverá alguma ação especial voltada para o informativo?**

Havia vários números engavetados. Não foram publicados no ano passado, por falta de recursos. Vamos recuperar a normalidade do programa editorial e aprimorar ainda mais a qualidade do Suplemento. Para tanto, a parceria com a Imprensa Oficial foi providencial. Em 2016, comemoraremos os 50 anos do caderno e o centenário de seu criador, o escritor Murilo Rubião.

**Tem alguma área na cultura mineira que o senhor acredita merecer uma atuação mais urgente?**

O Fundo Estadual de Cultura, para o qual conseguimos levantar 7,5 milhões de reais, é prioritário como instrumento de estímulo e fomento à cultura em Minas Gerais. Vamos lançar também a política mineira de audiovisual e o Plano Estadual de Cultura. Há uma forte mobilização, dentro da Secretaria, para que as novas linhas logo se traduzam em programas. Com pensamento positivo e compromisso público, estamos a cada dia conquistando os avanços desejados. Por meio de editais, acredito que democratizamos o acesso aos recursos públicos e ampliamos a capacidade de alcance da Secretaria.

**Para finalizar, quais os projetos que o senhor vê como grande desafio para a sua gestão?**

Nosso propósito se concentra na definição de uma política pública de cultura, participativa, abrangente e consistente. A grande energia cultural de Minas Gerais deve ser um dos principais fatores de melhoria das condições de vida e fonte generosa da alegria de viver. Com o apoio do governador Fernando Pimentel, queremos levantar recursos substanciais para a ação cultural, e o que já conseguimos nos primeiros meses evidencia que o governo compreende a cultura como vetor fundamental.

*“Nosso propósito se concentra na definição de uma política pública de cultura, participativa, abrangente e consistente.”*

# Uma ermida aí pelos sertões

Manoel Hygino\*

Saí no encalço de uma pequena cidade, que já pertenceu a Minas Novas, Grão Mogol e Montes Claros. E o fiz por várias razões. No norte de Minas, em 1966, cinegrafistas americanos lá estiveram para uma edição, costa a costa, por televisão. Constava que Itacambira estava condenada ao desaparecimento, pois a população seria extinta pela praga do barbeiro e do mal de Chagas.

Posteriormente, o engenheiro Simeão Ribeiro Pires, apaixonado pela região, estudioso e historiador, descreveu que existiram corpos mumificados na pequena igreja local. Conversei com Simeão, vi uma das múmias em seu escritório em Montes Claros. Era apenas uma das peças removidas dos porões do templo, enquanto outras se encontravam no museu da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro.

Mais motivos despertam interesse por Itacambira. Ali, teria existido a lagoa do Vapabussu, provável local da jazida de supostas esmeraldas, descobertas por Antônio Dias Adorno e que o bandeirante Fernão Dias quisera explorar. O bispo de Montes Claros, dom João Antônio Pimenta, deslocou-se da sede da diocese para identificar o lugar da antiga lagoa e a Serra Resplandecente. Fez relato minucioso ao governador, informando que, contrariamente à expectativa, por ali só se encontravam sinais de uma febre endêmica, possivelmente tifo.

Outro fato concreto foi o furto, em 2012, de imagens na modesta igreja de Santo Antônio, até hoje desaparecidas, façanha de autores ainda desconhecidos. Haveria, pois, razões sobejas para conhecer mais intimamente aquele pedaço de Minas. Embora se propale ainda a tese de Guimarães Rosa, de que Diadorim, personagem de “Grande Sertão: Veredas”, teria ali sido batizada.

Eis que, leitor freqüente de João Camillo de Oliveira Torres, em “História de Minas Gerais”, deparo o pé de página indicando que em Itacambira se erguera no século XVIII a “Casa de Orações do Vale de Lágrimas”, fundada pelo padre Manoel dos Santos, em 1756. Era um achado de grande valia, já que quase nada se sabia a respeito.

Da existência da Casa de Orações, misto de convento e de colégio, havia registros no “Clero de Minas”, de Furtado de Menezes. Encontrei a obra no Instituto Cultural Amílcar Martins, onde há um cervo fantástico sobre este estado e sua história. Nela há sugestão de uma pesquisa maior. Conhecia-se o Caraça, a ermida e o asilo da Serra da Piedade, o santuário de Congonhas do Campo e o colégio de Macaúbas, obras pias de relevo no processo de conquista da terra, da disseminação da religião e do fortalecimento do poder real. Faltava o estabelecimento de Itacambira, também misto de convento e educandário, que teve muitas alunas e sempre mereceu elogios de antigas autoridades civis e eclesiásticas.

Mas, em que lugar mesmo, na pequena cidade, localizara-se o Vale de Lágrimas? Indicava-se que ficava à margem do rio Araçuaí, a quatro léguas da vila de Minas Novas, exercendo o ofício, a seu modo, o referido sacerdote Manoel dos Santos. Diz a lenda que ali, ao armar uma grande tempestade, um raio seguido de trovão o assustou. Sob uma grande copaíba, sentiu seus erros e pecados, fazendo-o indigno da missão sacerdotal. Joelho em terra, ergueu os olhos, decidiu emendar-se e fundar um acolhimento para mulheres e livrá-las dos males do mundo.



Fotografia: Divulgação

### *Vista panorâmica de Itacambira, MG*

As primeiras acolhidas foram as irmãs Izabel e Quitéria, a que vieram unir-se outras moças a serviço de Deus. A fundação foi aprovada pelo arcebispo da Bahia, dom José Botelho de Matos e, em seguida, protegida pelo seu sucessor, dom Manoel de Santa Ignez. Somavam 35 as moças, que tiveram de mudar do sítio por ser doentio, ermo e inabitável, principalmente no período de chuvas.

Para Furtado de Menezes, “era um verdadeiro colégio para meninas e, sem dúvida, o primeiro que funcionou em Minas Gerais”.

A ele não se refere Dário Teixeira Cotrim dos Institutos Históricos de Montes Claros e de Minas Gerais, em belo e recente livro sobre Itacambira. Mas, neste ínterim, descobri uma pessoa profundamente ligada à história da região que já realizava pesquisas sobre a Ermida. Deslocara-se até Portugal em 2015 pesquisar

mais fontes sobre o recolhimento. Seus estudos foram publicados resumidamente na edição a sair da Revista da Academia Mineira de Letras.

Esta pesquisadora é Ana Cristina Pereira Lage, professora dos cursos de licenciatura em História e Bacharelato em Humanidades, de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas na Faculdade Interdisciplinar de Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, com doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Em sua exposição, a professora discute os indícios de letramento religioso na Casa de Oração Vale de Lágrimas, na região norte da capitania de Minas Gerais. A instituição recebeu mulheres, casadas, solteiras ou viúvas que se dedicassem à oração e à instrução para formação religiosa.



*Matriz de Santo Antônio, em Itacambira, com múmias em seu porão*

Tudo funcionava muito bem, quando as ali recolhidas passaram a sofrer os males físicos da região e de sua inadequada localização. Diante das doenças incontroláveis, cuidou-se de transferência das mulheres para o Arraial de Santa Cruz da Chapada, em 1780. A cidade recebeu o nome de Chapada do Norte e a antiga Ermida de Recolhimento de Sant'Ana da Chapada. Antigamente, as que ali labutavam eram consideradas freiras pela comunidade local, portavam o hábito das

carmelitas e seguiam a regra de Santa Tereza. Quando Saint-Hilaire passou por lá, em 1817, havia poucas mulheres na comunidade, já idosas e sem alguém pra substituí-las. A nova Casa, todavia, não resistiu ao vendaval dos tempos, ainda faltando averiguações, a que se devota a professora Ana Cristina.

As históricas construções não existem mais em Chapada do Norte. Foram demolidas e, em seu lugar, implantou-se o mercado da cidade. É o que se conta.



*Múmias brasileiras do século 18 descobertas debaixo de Igreja em Minas Gerais ainda conservam o conteúdo do intestino (Fotografia: Escola Nacional de Saúde Pública/Ensp)*

\*Jornalista

# CAPITÃO-MOR

## TOMÉ RODRIGUES NOGUEIRA DO Ó

**F**igura de relevo - Tomé Rodrigues Nogueira do Ó foi uma das figuras mais importantes no cenário do desbravamento, ocupação, povoamento, proteção e ordenação do território Sul Mineiro nos primórdios do século XVIII.

Tal importância pode ser notada pelo registro deixado pelo saudoso amigo e notável historiador e genealogista Monsenhor José do Patrocínio Lefort, que ao se referir às origens de Baependi, escreveu: *Para a localidade a mais importante figura que a perlustrou, nos primeiros tempos, foi o Capitão Tomé Rodrigues Nogueira do Ó, o verdadeiro patriarca de imensa família que hoje lhe deve o nome e a glória. Proprietário da Fazenda do Engenho, era filho de Antônio Nogueira e de Francisca Fernandes do Vale, casados na Sé de Funchal, Ilha da Madeira.* (A Diocese da Campanha, p. 49)

Tomé nasceu em Funchal, Ilha da Madeira, por volta de 1674, sendo filho de Antônio Nogueira e de Francisca Fernandes do Vale, que se casaram em 30 de janeiro de 1673 na Sé do Funchal. O Ca-

pitão era neto paterno de Manuel Lopes Nogueira e de Sebastiana Osório. Neto materno de Manoel Rodrigues e Maria Fernandes. Bisneto paterno de João Manoel e de Dona Maria Góes. Bisneto materno de Antônio Rodrigues e de Dona Bárbara Fernandes.

**Chegada ao Brasil** - Tomé Rodrigues Nogueira do Ó chegou ao Brasil por volta de 1709 e dirigiu-se para a Capitania de São Paulo, onde se casou logo em seguida com Maria Leme do Prado, natural e batizada na Freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Villa de Lorena – SP, filha de Antônio da Rocha Leme e de Antônia do Prado de Quevedo.

**Capitão e combatente contra os invasores franceses** - No ano seguinte, como Capitão do Distrito de Pindamonhangaba, na companhia de 27 soldados, sete escravos e mais duas outras Companhias, participou da defesa da Vila de Parati, que estava sendo atacada por seis naus francesas de Duclerc.

Em 03 de setembro de 1714 recebeu patente de Capitão da

Marcos Paulo de Souza Miranda\*

Companhia do Terço de Auxiliares das Vilas de Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá.

**Protetor do Caminho Velho** - Por volta de 1715 Thomé mudou-se com sua esposa para a região de Baependi, no Sul de Minas, estabelecendo-se na Fazenda do Engenho, onde nasceu sua numerosa descendência.

Em 26 de novembro de 1717 Dom Pedro de Almeida e Portugal, o Conde de Assumar, a fim de assegurar maior proteção para o caminho real que ligava Parati a Vila Rica (Caminho Velho da Estrada Real), após ter se hospedado na casa de Tomé Rodrigues quando de sua viagem a Minas Gerais, houve por nomear o ilhéu, “que o havia recebido com magnificência”, como *Sargento-Mor* e *Superintendente da Cavalaria do Caminho Velho*, mormente porque anteriormente, como Capitão, havia socorrido com sua Companhia o porto da Vila de Parati, sustentando às suas custas a gente que havia alistado; e ainda oferecendo-se para combater os franceses que haviam invadido o Rio de Janeiro e a Ilha Grande.



*Antiga sede da Fazenda do Engenho, propriedade de Tomé Rodrigues Nogueira do Ó, infelizmente demolida*

Em 30 de abril de 1723 o Governador da Capitania de Minas Gerais, Dom Lourenço José de Almeida, considerando Tomé como vassalo leal e zeloso, nomeou-o como Capitão-Mor das Ordenanças do Caminho Velho, abrangendo toda a Serra da Mantiqueira até o Rio Grande.

Em 26 de março de 1724 foi nomeado Provedor dos Quintos do Caminho Velho, da Vila de São João del-Rei, sede da Comarca do Rio das Mortes.

**Falecimento.** No dia 03 de outubro de 1741, enfermo, Tomé redigiu seu testamento de última vontade. Determinou que seu corpo fosse envolto em hábito franciscano e sepultado na Capela de Nossa Senhora do Montserrat de Baependi, da qual disse ser “protetor e fundador do altar mor”. Encomendou missas por sua alma no convento de Santa Clara de Taubaté. Dona Maria Leme do

Prado faleceu em Baependi aos 11 de setembro de 1756.

**Numerosa e distinta descendência** - O Capitão-Mor Tomé Rodrigues Nogueira do Ó e Dona Maria Leme do Prado deixaram os seguintes filhos, responsáveis pelo povoamento de boa parte do Sul de Minas e Comarca do Rio das Mortes:

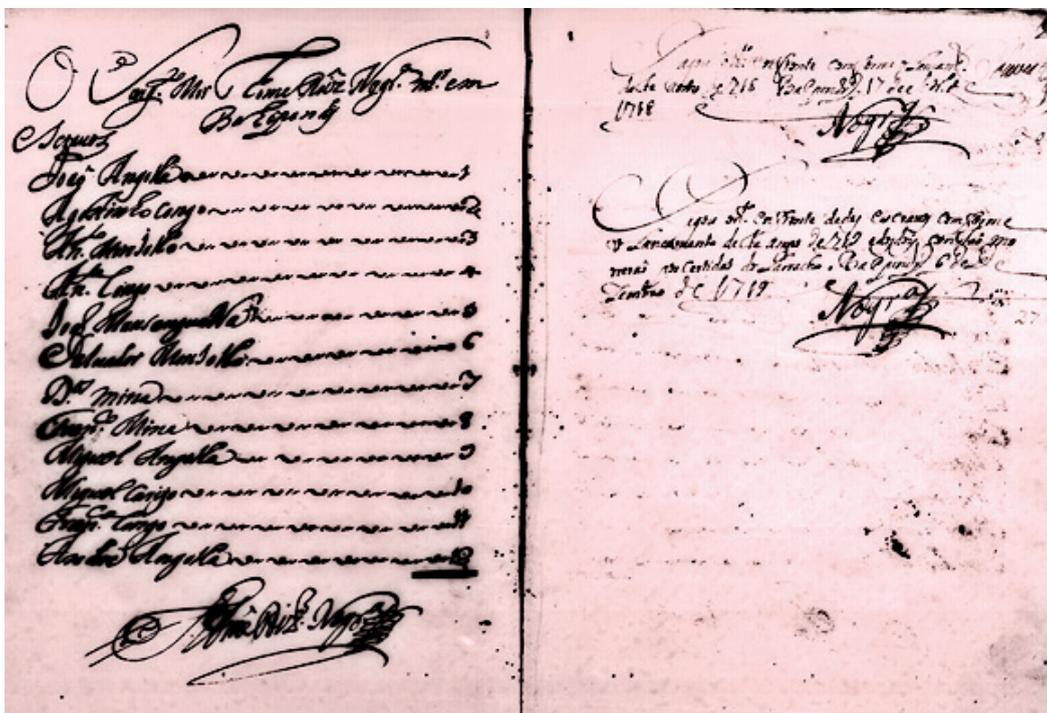
1. Nicolau Antônio Nogueira – Alferes, (n.c. 1737) c.c. Ana Josefa da Gama, filha do Cap. Manoel Gomes Vilas Boas, natural de Portugal, e Inácia Quitéria da Gama. Nicolau estabeleceu-se em São João del-Rei, onde foi Vereador, Procurador da Câmara Municipal (1757) e Escrivão da Ouvidoria (Carta Régia de 03.02.1768). Faleceu em 11 de setembro de 1792 e foi sepultado dentro da Igreja do Carmo daquela cidade.

2. Joana Nogueira do Prado Leme, casada com José de Sá (natural da Freguesia de São Thiago Dantas, Termo de Barcelos, Ar-

cebispado de Braga, filho legítimo de Bento Martins e Jeronima de Sá, falecido aos 10-9-1741), primeiro marido de Joana Nogueira Leme do Prado. Joana, em segundas núpcias, c.c. João Gomes de Lemos, natural de Santiago de Gavião, Arcebispado de Braga, filho de Santos Gomes da Costa e de Catarina Barbosa. Falecida em 2.5.1757.

3. Maria Nogueira do Prado (1ª) c.c. Luiz Pereira Dias, natural da Ilha Terceira, falecido em 1755 em Baependi. Ela foi sepultada no interior da Igreja de Nossa Senhora do Monte Serrat em 1756.

4. Ângela Isabel Nogueira do Prado, natural de Baependi, c. em 1787 com o Capitão Domingos Teixeira Vilela, natural da Freguesia de Nossa Senhora da Assunção, Termo de Chaves, Arcebispado de Braga, filho de Antônio Teixeira Vilela e Mariana Gonçalves. Falecida em 1831 em São Carlos – SP.



*Registro de pagamento dos quintos pelo Sargento-Mor Thomé Rodrigues Nogueira em 1718, em que consta a assinatura do fundador de Baependi*

5. Ana Nogueira de Jesus, natural e batizada em Baependi c.c. Antônio de Souza Ferreira natural e batizado na freguesia de Santa Marinha de Louzada, Bispado do Porto, filho de Manoel Antônio, natural e batizado na freguesia de Santa Marinha de Louza e de sua mulher Maria de Souza, nat. da freguesia da Beira, comarca de Penafiel.

6. Maria Nogueira do Prado (2ª) c. em 04 de julho de 1751, em Carrancas, com João Álvares Sobreira, natural de São Pedro de Sobreira, bispado do Porto, filho de João Álvares e Ana Antônia. Em segundas núpcias foi casada com o Tenente José Rodrigues da Fonseca, natural de Baependi, filho de José Rodrigues da Afonseca e de Ana Madureira. Maria Nogueira e José Rodrigues passaram a residir em Campanha.

7. Clara Maria Nogueira c.c. Mateus Fernandes da Silva, em Baependi, em 01 de novembro de 1752.

Ele natural de São Julião de Sarafão, Termo de Guimarães, Arcebispo de Braga, filho de Domingos Fernandes e Senhorinha João. Faleceu Clara em 26 de abril de 1757 e foi sepultada na Igreja de Monte Serrat.

8. Maria Angélica Nogueira c.c. Manuel Rabelo Leite em 13 de julho de 1756. Ele natural de Santa Eulália, Fafe, Conselho de Monte Longo, Guimarães, Arcebispo de Braga, filho de João Rabelo Leite e de Jerônima de Araújo. Ele falecido e sepultado na Matriz de Nossa Senhora do Porto do Turvo, atual cidade de Andrelândia, em 10 de dezembro de 1783. Maria Angélica faleceu em 11 de setembro de 1795, em Baependi.

9. Antônia Maria de Jesus do Prado c.c. Caetano José de Miranda em 20 de novembro de 1759 em Baependi. Ele natural de Guaratinguetá, filho de Antônio da Mota Paes e Helena Antunes do Prado.

Em razão de sua grande des-

pendência, Tomé Rodrigues Nogueira do Ó é o patriarca de uma família da qual pertencem personagens ilustres, tais como: Oswald de Andrade, Raul Pompéia, Roberto Simonsen, Walter Clark, Iolanda Penteadado, Eduardo Suplicy, Marquês de Baependi, Brás Carneiro Nogueira da Costa e Gama, conde de Baependi, Manuel Jacinto Carneiro da Costa e Gama, barão de Juparanã, Francisco Nicolau Carneiro Nogueira da Costa e Gama, barão com honras de grandeza de Santa Mônica, este futuro genro do Duque de Caxias, Barão do Bananal, Barão de Ataliba Nogueira. É também antepassado dos políticos Oswaldo Aranha, Heitor Teixeira Penteadado, Cândido Mota, Cândido Mota Filho, Pedro Ramos Nogueira, primeiro e único barão de Joatinga, do Senador mineiro Alfredo Catão e do historiador Pedro Calmon.

**\*Promotor, Coordenador das Promotorias de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais**

# Minas era diferente

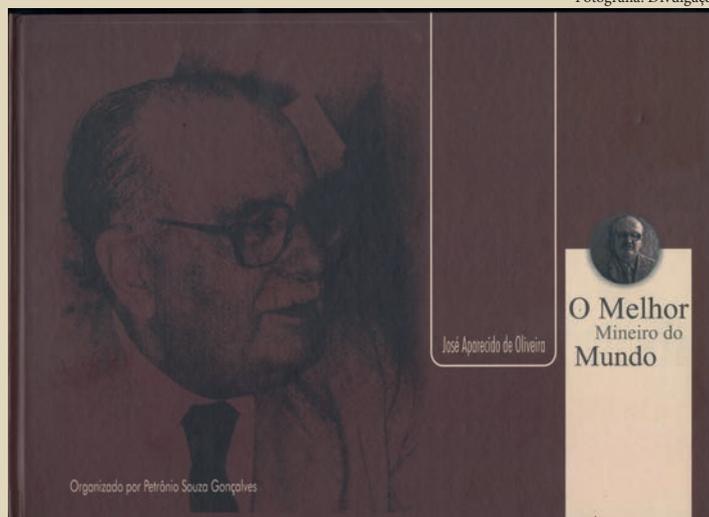
Sebastião Nery\*

**R**IO – Minas não esquece. Minas é boa de lembranças. Livro de mineiro está sempre lembrando. O passado é o adubo da alma. Como em Guimarães Rosa e Pedro Nava. Ou em Drummond.

Mais um belo livro de mineiro contando histórias de Minas. O jornalista e poeta (luminoso poeta) Petrônio Souza Gonçalves (“Quem soltou a borboleta azul na tarde triste?”) pagou uma dívida de Minas. Lançou “José Aparecido de Oliveira – O Melhor Mineiro do Mundo”.

50% do texto é do Petrônio. Texto leve, livre, solto. Cada frase, um fato. Bem editado, bem ilustrado, rico em fotos e testemunhos. Os outros 50% são depoimentos de jornalistas e escritores mineiros sobre Aparecido:

Benito Barreto: “O Homem e o Amigo”. José Bento Teixeira de Salles: “Assim Era Ele”. Orlando Vaz: “Articulador Político e Talento admirável”. José Augusto Ribeiro: “Dois Raros Momentos da Dupla Jânio-Aparecido”. Gervásio Horta: “Poucas e Boas”. Mauro Werkema: “José de Todos os Amigos”. Aristóteles Drummond: “O Zé Carioca”. Guy de Almeida: “Aparecido no DF”. Angelo Oswald: “O Compromisso Cultural de José Aparecido”. Wilson Figueiredo: “A Arte de Negociar Divergências”. Paulo Casé: “Manifesto AAZA”. Oscar Niemeyer: “JAO”. Zivaldo: “As Aventuras de José Aparecido”. Mauro Santayana: “Conversações na Rua Caraça”. Alberto Pinto Coelho: “Demiurgo das Utopias Realizáveis”. Silvestre Gorgulho: “Lições e Segredos de Um Mestre”. E eu: “12 Histórias de José Aparecido”.



Por último, o José Maria Rabelo, porque algumas lembranças dele me deixaram a alma dolorida. Em 1950/60 nós éramos jornalistas e ativistas políticos vendo a pátria, o povo, o futuro. Nossos heróis, mesmo quando deles divergíamos, não nos envergonhavam. Hoje, a Operação Lava-Jato mostrou uma elite política que afunda no dinheiro, na corrupção.

José Maria lembra: “A Praça Sete era naqueles tempos, por volta de 1950, o coração político de Belo Horizonte, onde nós, estudantes idealistas, passávamos horas do dia discutindo os problemas daqui e do resto do mundo”. “Um dia, eu estava lá, fazendo minha pregação e distribuindo improperios à direita e à esquerda. Foi quando um grupo de integralistas se aproximou, com alguns deles passando a insultar-me e ameaçar-me de agressão. Aí surgiu meu futuro amigo, e usando um porrete, que não sei de onde tirara, avançou sobre os provocadores, forçando-os a fugir praça afora. O Zé Aparecido me explicou por que tomara aquela atitude quixotesca, que poderia ter tido outras consequências. Primeiro, porque nunca admitira a ideologia integralista, herdeira do fascismo, de gente como aquela, fanática e totalitária. Segundo, pela iminência de um ato de covardia, diante de seus olhos, com um bando de provocadores lançando-se contra uma pessoa sozinha, unicamente por divergir deles”.

\*Jornalista



# Uma paixão pelo cinema

José Celso Garcia\*

Muitos de nós temos um 'quê' de Totó, do Tornatore no "Cinema Paradiso". Criança eu fazia filminhos, colando papéis de bala como uma fita para projetar na minha "Barlan" feita por carapina.

Adorávamos cinema. Já o Gabriel Ferrer foi muito além. Ao assistir no Cine Odeon, pela primeira vez de menino diante do telão, delirou com um "Flash Gordon" e saiu da sala com uma certeza: "Vou fazer cinema!!!".

Um parêntese: O Cine Odeon, único na época em São Lourenço, era um acontecimento. Sessões às noites e matinês aos domingos. Uma torre o encimava, e sobre ela um globo luminoso que ia mudando do verde ao amarelo ao vermelho a cada 5 minutos, com uma sirene anunciando à cidade que o filme iria começar.

Mas, voltando ao nosso personagem, doze anos após o Flash Gordon, Gabriel adquiriu uma filmadora "a corda" e em 1948 começou a filmar.

Contava com apoios e dificuldades. Dos amigos, astros de seus filmes, além da presença frente à câmera, cada um cuidava do seu vestuário e maquiagem. Do Sr. Emílio Rodrigues, fotógrafo, a garantia de rolos de fita Kodachrome a preço de custo; do Sr. Antonio Sacchi Gomes, apaixonado pelo teatro, a direção artística, reunindo com os atores e lhes ensinando a arte de representar; do prefeito Dr. Emílio Pova a condução para o transporte da equipe às locações escolhidas, sempre aos domingos quando os atores estavam disponíveis.



Cenas de filmes de Gabriel Ferrer



*Gabriel Ferrer, o ator,  
produtor e diretor do  
primeiro longametrage  
colorido do Brasil*

“Fazer filmes não era complicado”, dizia Gabriel, com a autoridade de quem sabe do que está falando. Dificuldade só uma: as fitas eram enviadas para Nova Iorque e demoravam seis meses para serem reveladas e devolvidas. A ansiedade de todos era grande para ver o resultado do trabalho, se tudo havia saído a contento, como, por exemplo: filme velado – o grande fantasma – o que chegava a perder muitas seqüências de imagens. A pior delas, um estouro de boiada com umas trezentas cabeças de gado em disparada, derrubando tudo à frente da câmera, com grande realismo, se perdeu, lamentavelmente.

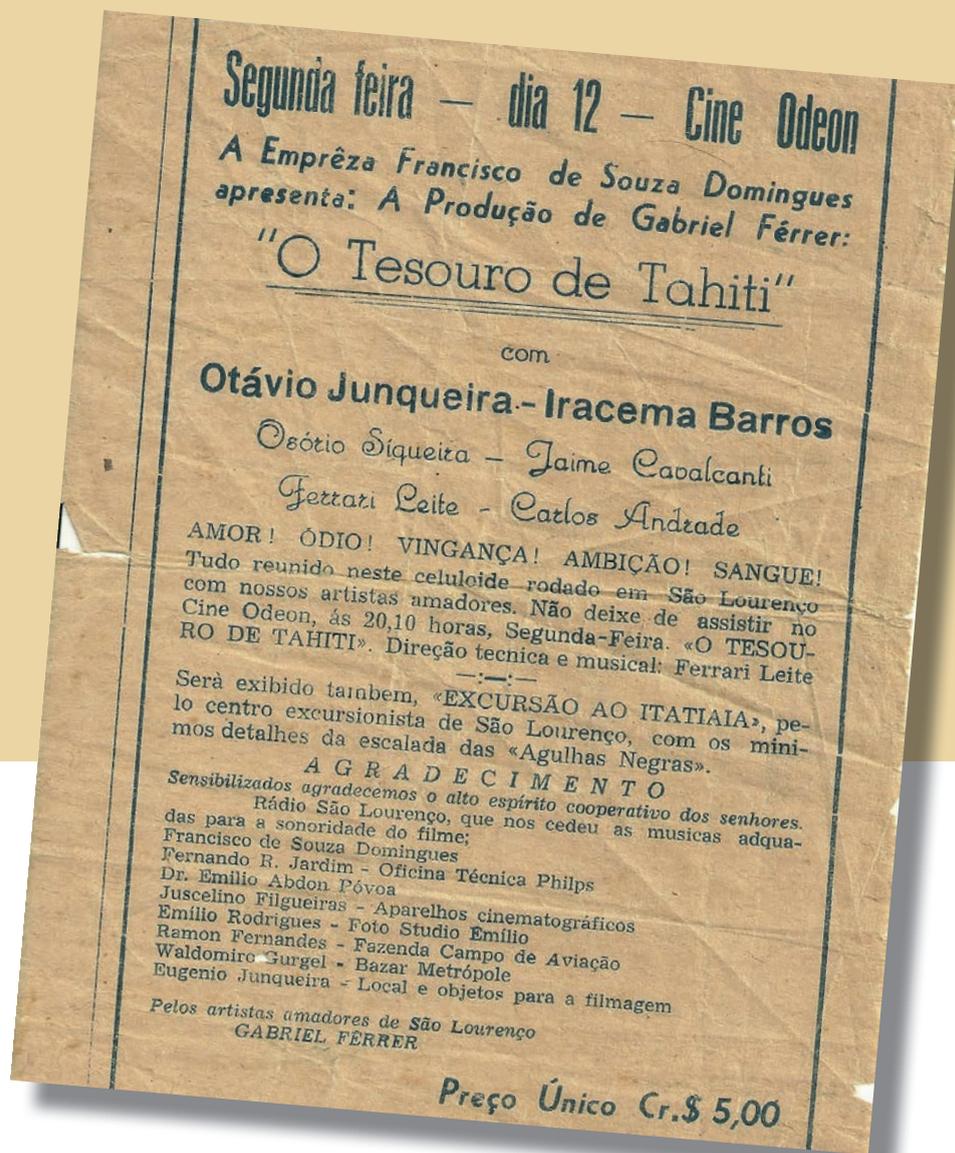
A criatividade era a grande marca deste cineasta. Como o filme não era sonoro e como não tinha como colocar a legenda com as falas no acetato, o jeito era preparar painéis com letras aplicadas, colocadas em baixo no enquadramento da câmera, de forma a criar uma tarja retangular fina na base da imagem. E sempre que havia falas não se podia movimentar a filmadora. Nesta tentativa de tornar sonoro o filme, houve a alternativa de gravar o som em fita magnética, dublando vozes e fazendo sonoplastia com o que havia de disponível: os sons dos tiros eram feitos com um pedaço de pau numa lata de 20 litros de querosene

“Jacaré”. Mas não se conseguia sincronizar imagem e som, o que levava a plateia ao riso indevido.

Não havia trilhos para a câmera percorrer, acompanhando o movimento das montarias. Os cavalos e câmera ficavam imóveis e os atores se movimentavam na sela como se estivessem cavalgando, em plano americano, e auxiliares iam passando com galhos de árvores por detrás da cena dando-lhe movimento, ou utilizando a balaustrada da Ponte da Estação sobre o Rio Verde como se fosse detalhe de uma caravela, num enquadramento em que o rio, sem as margens, era o “mar”. Ou então inserir trechos de filmes sobre a África, adquiridos em uma viagem ao Rio, fazendo o Geraldo Mendes Pinto, nosso eterno rei momo, levar uma corrida de um leão.

Ao descrever estas engenhosidades, em entrevista ao Hélio José Marques, Gabriel passa a mão pela cabeça, sorri. É como se tivesse acabado de pensar “Meus Deus!!! O que não somos capazes de fazer por aquilo que gostamos...”.

Autor, ator, produtor e diretor do primeiro longa metragem em cores gravado em 16mm no Brasil, reconhecido pela Embrafilme – “Fogo na Fronteira”, seu filme mais famoso, inscrevendo São Lourenço na história do cinema brasileiro.



Durante e após a Segunda Guerra, a filmografia de Hollywood invadiu as telas do mundo. A temática dos filmes de Gabriel Ferrer era a que entusiasmava os espectadores: mocinhos e bandidos, Tarzan, etc., com histórias criadas por ele.

Mas, a história real e a memória da cidade também devem a ele documentários, festas cívicas e religiosas, escaladas nas Agulhas Negras, São Tomé das Letras - ainda longe do misticismo dos tempos hippies.

Seus filmes eram exibidos na rua, com lençóis emendados como tela ou nos poucos cinemas da região.

A arrecadação, quando havia, metade era destinada ao orfanato.

Esta saga se extinguiu em 1955, quando a invasão definitiva de Hollywood tornou proibitivo o custo do acetato.

Berço Selvagem (1949), Tesouro do Tahiti (1951), Fogo na Fronteira (1952) e Irmãos em Armas (1953), constituem seus longas.

Hoje, aos 85 anos, Gabriel não quer mais falar disto. Recebeu e recebe homenagens e é sempre lembrado.

Sua obra foi artesanalmente convertida em mídia digital, já com som, tendo Gabriel dublado todas as vozes.

Um artista e sua arte, uma paixão pelo cinema, apontando para a redescoberta de nossas possibilidades locais e regionais, enriquecendo e expressando nossa cultura como um caminho indispensável à nossa afirmação como nação.

**\*Médico, ex-prefeito de São Lourenço**

# O BELO

*“Formamos  
um assombro  
de misérias e  
grandezas.  
Somos aqui  
nesta terra o  
grande milagre  
do amor”*

**E**m 1924 chegava a jovem capital mineira um grupo de intelectuais paulistas, que há dois anos hastearam de São Paulo para o Brasil, e quiçá o mundo, a bandeira da arte moderna brasileira. Liderados por José Oswald de Souza Andrade, ou Oswald de Andrade, e Tarsila do Amaral, desembarcaram em nossa capital nomes como: Mário Raul de Almeida Leite Moraes de Andrade, ou simplesmente Mário de Andrade, Fernand Léger, Godofredo Telles, o suíço-francês e ex-combatente da Primeira Guerra Mundial, Frédéric Sauser ou Blaise Cendrars, a filha dos Barões de Pirapitingui, Olívia Guedes Penteadó e seu genro, Godofredo Teixeira Leite da Silva Teles, e o filho de Oswald, José Oswald de Souza Andrade Filho, o Noné.

O grupo vinha do carnaval carioca, movido pela idéia inicial de assistir a tradicional Semana Santa mineira. Antes de chegar a Belo Horizonte, o grupo passou pelas ruas históricas de São João Del Rei e São José Del-Rey (hoje Tiradentes), Ouro Preto, Mariana e Divinópolis. De Belo Horizonte o grupo passaria ainda por Sabará e Lagoa Santa, depois partiriam, debandando-se entre profetas, passando por Congonhas do Campo. Na noite do dia 24 de abril de 1924, os modernistas davam entrada no Grande Hotel, que ficava na rua da Bahia, esquina com a av. Augusto de Lima.

Fotografias: Divulgação

# de Belo Horizonte

Petrônio Souza Gonçalves\*

Poucas horas depois da entrada do grupo de Oswald ao hotel, chegava à porta do Grande Hotel, o jovem poeta mineiro que se tornaria um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos, o itabirano Carlos Drummond de Andrade. Drummond estava acompanhado pelos amigos Pedro Nava, Martins de Almeida e Emílio Moura. Juntos, os jovens iluminados mineiros formavam o inspirado Grupo Estrela.

O Estrela, que tinha esse nome devido ao Café Estrela, que ficava na rua da Bahia, ponto de encontro dos jovens modernistas mineiros, assistia em Carlos Drummond de Andrade a alfa da constelação, seguida pelas não menos brilhantes Alberto Campos, Emílio Moura e Milton Campos. Ao lado dessa plêiades, se juntariam nomes como: Abgar Renault, Mario Casassanta, Aníbal Machado, Francisco Martins de Almeida, João Alphonsus de Guimaraens, Hamilton de Paula, Pedro Aleixo, Mário Álvares da Silva Campos, Gustavo Capanema Filho, João Passos, João Pinheiro Filho e, mais tarde, Pedro Nava, Dario de Almeida Magalhães, Ciro dos Anjos, Luís Camilo e Ascânio Lopes Quatorzevoltas.

Carlos Drummond de Andrade era natural de Itabira do Mato Dentro, que depois se chamaria apenas Itabira, sem o belo Pico do Cauê. Nasceu a 31 de outubro de 1902, filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade e de Dona Julieta Augusta Drummond de Andrade. Em 1920 veio morar em Belo Horizonte, onde estudou no Colégio Arnaldo, ao

lado de Afonso Arinos e Gustavo Capanema. Anos depois, em 1934, Drummond mudaria da capital mineira para ser o chefe de gabinete do novo Ministro de Educação e velho amigo, Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro.

Milton Soares Campos era natural de Ponte Nova. Filho do magistrado Francisco Rodrigues Campos e Dona Regina Soares Campos, Milton nasceu a 19 de agosto de 1900. Segundo Drummond, Milton Campos era “o orientador involuntário e desprezioso de nossa geração”. Milton Campos figura hoje como um dos grandes homens público deste nosso país tropical.

Emílio Guimarães Moura nasceu em Dores do Indaiá a 14 de agosto de 1902. Emílio era filho de Elói de Moura Costa e de Dona Cornélia Guimarães Moura. Emílio, em 1928, recebia sua carta de Bacharel, retornando para Dores do Indaiá, onde lecionaria na Escola Normal Oficial da cidade, voltando anos depois para a capital mineira. Emílio era primo de Alberto Campos, ou melhor, de Alberto Álvares da Silva Campos, filho de Jacinto Álvares da Silva Campos e de Dona Azejúlia Alves e Silva Campos. Nasceu em Dores do Indaiá a 13 de fevereiro de 1905. Formou-se em direito pela Faculdade de Direito de Belo Horizonte em 1928. Em 1933, atuando como advogado do Banco do Brasil no Rio de Janeiro, falecia o jovem poeta e advogado, sendo sepultado em Belo Horizonte, cidade em que ele sempre fora estrela.



O Estrela, influenciado pelo piquenique cultural da Semana da Arte Moderna de 22, queria ver de perto o que para ele era referência na literatura brasileira do início do século XX. Em 23, o grupo Estrela já havia tomado contato definitivo com a literatura modernista por meio do livro “Paulicéia Desvairada”, de Mário de Andrade. Os mineiros, naquela inesperada noite de abril, estiveram com Oswald de Andrade, com quem marcaram para a noite seguinte um jantar com a comitiva modernista. E foi em uma distante noite de abril de 1924 que surgiu um dos mais belos poemas da língua portuguesa, guiado pela mão do modernista Mário de Andrade, surgiu na noite da capital mineira o iluminado “Noturno de Belo Horizonte”, publicado em “Clã do Jabuti”, que figura como uma das mais belas homenagens aos primeiros anos da nossa capital.

Depois do jantar, que havia sido marcado na noite anterior, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Martins de Almeida, Emílio Moura e Mário de Andrade, seguindo uma sugestão do próprio Mário, saíram para um passeio pelas ruas de Belo Horizonte, “entre coágulos de sombra e as maravilhas de centenaes milhares de brilhos vidrilhos”, nas imediações do Grande Hotel. Mário passeou pela avenida Afonso Pena e rua da Bahia. Dali, daqueles passos noturnos, começaria a nascer o Noturno de Belo Horizonte.

E foi na última noite da estada do grupo na capital de Minas que o poema saltou ao papel. De súbito, embebido por um espírito surgido do fundo dos quintais das Gerais, Mário de Andrade compunha na sacada do primeiro andar do Grande Hotel, o “Noturno de Belo Horizonte”, uma beleza de construção da poesia moderna.

Mário, que estava na salinha de espera do primeiro andar do Hotel, de repente levantou-se e foi andando para a sacada. Ali parou, pôs a mão no parapeito, respirou longamente o ar impregnado de Brasil e deixou verter de seus poros, seu coração, suas mãos, o mistério condensado nas Minas Gerais, o espírito irrequieto dos Bandeirantes, a busca incessante dos amantes, as quedas das Cascas-Dantas-Motas, o segredo eterno dos Buritizais... Entre tantos versos maravilhosos, podemos ler: “...Formamos um assombro de misérias e grandezas...”, “...Somos aqui nesta terra, o grande milagre do amor...”.

O poema vai longe, ora com calma de riacho, ora sinuoso montanhês... As palavras e expressões nos remetem a um Brasil de brasilidades. País das “noites cabindas, das ribanceiras dolentes, do silêncio fresco despencando das árvores, das carapinhas fofas polvilhadas com a prata da Via Láctea, das planícies altas, dos mineiros pintando diariamente o céu de azul com os pincéis das macaúbas folhadas, da barcaça descendo o rio ritmada pelos golpes dos remeiros, dos cerrados onde o guache passa rápido, da serra do Rola Moça, das esmeraldas das araras, dos rubis dos colibris, das orquídeas desiguais - filho luso da beleza e da melancolia... Brasil, nome de vegetal...”.

De 1924 para cá, posso dizer que o poema de Mário de Andrade permanece atual, como o bigode de Carlitos, a música de Mozart, os quadros de Van Gogh. É no Noturno de Belo Horizonte que, sabiamente, Mário filósofo: “o amor não é a paz, bem mais bonito que ela, porque é um completamente!...”. Mário sabia o que estava falando e falava pela boca de um anjo, um anjo poeta...

\* jornalista e escritor



# São Lourenço, ilustre poesia



Fotografias: Prefeitura de São Lourenço

*O Prefeito José Neto, sua esposa, Christiane Amaral Barcia Amaral Barcia, Nélida Pinõn, Eugênio Ferraz, Carlos Cosenza e Rogério Tavares*

A estância hidromineral de São Lourenço, no Sul de Minas, prestou uma homenagem ao gerente jurídico da COHAB, o advogado Carlos Cosenza, dentro das comemorações da festa anual do padroeiro, que homenageia sempre, no início de agosto, um são-lourenciano ausente.

Outra homenageada da noite foi a escritora e acadêmica Nélida Piñon, que passou parte de sua infância e juventude na estância hidromineral, declarando em vários livros

seu amor pela cidade sulmineira. Nélida recebeu, excepcionalmente, a Comenda Ambiental Estância Hidromineral de São Lourenço. A nova formatação da Diplomação de um são-lourenciano também agradecerá uma personalidade nacional que não tenha podido, justificadamente, receber a Comenda em março. A recepção à imortal da Academia Brasileira de Letras foi feita pelo Chanceler da Comenda e Diretor-Geral da Imprensa Oficial Eugênio Ferraz e pelo prefeito José Neto. Na foto, o prefeito de

São Lourenço, José Sacido Barcia Neto e a esposa, Cristiane Barcia, a escritora Nélida Piñon, o Diretor-Geral da Imprensa Oficial, Eugênio Ferraz, o homenageado da noite, Carlos Cosenza, e o jornalista, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e da Associação Brasileira de Imprensa Rogério Tavares, que fez a saudação a ambos.

A Idealizadora da Comenda, ensaísta Ivanise Junqueira, que não pode comparecer, recebeu um buquê de flores da Municipalidade.



*Trechos do discurso do  
Prefeito José Neto*

*“Esta Comenda é apenas um ato simbólico. Ela é precedida por seminários, estudos de natureza, inclusive, pioneira como ocorreu neste recinto (Fórum), este ano com a visão jurídica sobre a crise hídrica brasileira.”*

*Tivemos a oportunidade nos últimos anos através da Comenda Ambiental de prestar um serviço de valor a este país. Esta Comenda é apenas um ato simbólico. Ela é precedida por seminários, estudos de natureza, inclusive, pioneira como ocorreu neste recinto (Fórum), este ano com a visão jurídica sobre a crise hídrica brasileira. O primeiro seminário, presidido pelo competente Desembargador de Minas, dr. Afrânio Vilela. É um trabalho de toda a cidade de conscientização ambiental.*

*O Carlos Cosenza eu conheço há muitos anos, fomos amigos de família, seu pai foi contador do meu avô e da minha avó, foi vereador junto com meu pai, junto com o pai da Bernadete Guimarães, Cicinho Guimarães, que é pai do Manoel Guimarães que é jornalista lá em Belo Horizonte, presidente do Sindicato, também um grande companheiro que a gente sente falta aqui. E o Silvestre Gorgulho lá em Brasília e outros tantos que são sãolourencianos e que a gente caminha ao longo dos anos pelas cidades e vai encontrando.*

*Tenho a dizer, Carlos, que o ano passado nós já queríamos te homenagear, não houve foi a oportunidade de agendar datas, nós sabemos da vida de todos, pelos relevantes serviços que você prestou a Minas Gerais e ao Brasil. A sua carreira. Não é uma carreira privada apenas. É uma carreira de natureza pública com elevados e relevantes serviços prestados a Minas e ao Brasil. E nós, seus conterrâneos, nos orgulhamos, quando Sidinei Kabizuca, seu grande amigo e meu ex-Secretário de Turismo foi que, realmente, implantou esse Diploma aqui. Ele sempre vinha me dizendo: “o Carlos fez isso, o Carlos fez aquilo”, você não imagina o orgulho que nós temos da sua trajetória. A gente olha e vê: ele saiu daqui, de onde nós saímos e tem projeção. É um homem respeitado. É um profissional digno. E ainda tem olhos pra brigar por São Lourenço. Encontrar com Luiz Prazeres, encontrar com Aninha encontrar com todos aqueles nossos sãolourencianos ausentes, sempre presentes, para batermos um papo de alguma sãolourenciana que aconteceu recentemente.*

*Este prefeito, também descendente de galegos, ainda empenhados, a minha família, em transladar os restos mortais dos meus antepassados que tombaram na guerra civil de 36. Muito honrado em recebe-la aqui, escritora Nélida Pinõn, que é um motivo de orgulho para todos os brasileiros e sãolourencianos, muito obrigado por sua presença e da sua digna e distinta família e Carlos Arruda, “o Gordo”, meu amigo de infância. A gente tem orgulho da sua amizade e dizer que você é o conterrâneo de expressão deste ano.”*



*Trechos do discurso do Chanceler  
Eugênio Ferraz*

*“...a entrega do Diploma, conjuga, a partir de agora, em uma escolha pela municipalidade em conjunto com a chancelaria, a entrega da Comenda Ambiental Estância Hidromineral de São Lourenço a uma personalidade de destaque nacional, que tenha relação com nossa cidade, e que, justificadamente, não pode receber a honraria, na época apropriada, em março.”*

*Preliminarmente, cabe aqui registrar que este evento, nesta nova formatação, que já se inicia revestido do merecido sucesso, somente foi possível graças aos apoios e articulações havidas entre o prefeito José Neto e o nosso caro amigo, Dr. Rogério Tavares, jornalista de escol, que integra o Conselho da ABI em Minas Gerais e é membro, nosso colega, no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais onde tem atuação marcante no resgate da memória histórica mineira e nacional. Graças a ele, nosso Comendador Rogério Tavares, a Comenda Ambiental recebe anualmente importante apoio logístico e de divulgação Brasil a fora.*

*Hoje é um dia muito especial para São Lourenço. Há alguns anos, por força do apoio e visão de futuro do prefeito José Sacido Barcia Neto e dos ilustres vereadores, legítimos representantes da sociedade local, foram criados, respectivamente, a homenagem a um são-lourenciano ausente e a Comenda Ambiental Estância Hidromineral de São Lourenço, idealizada pela minha querida Ivanise Junqueira. Além disso, a entrega do Diploma, conjuga, a partir de agora, em uma escolha pela municipalidade em conjunto com a chancelaria, a entrega da Comenda Ambiental Estância Hidromineral de São Lourenço a uma personalidade de destaque nacional, que tenha relação com nossa cidade, e que, justificadamente, não pode receber a honraria, na época apropriada, em março.*

*Dr. Carlos Cosenza Arruda, o São-lourenciano ausente, hoje homenageado, é daqueles amigos que quanto mais a distância nos deixa longe, mais nos aproxima. Há anos, encontramos-nos em Belo Horizonte, Carlos Cosenza como Delegado do Ministério do Trabalho e eu então Superintendente do Ministério da Fazenda, ambos, representando em Minas as projeções estaduais de dois dos mais importantes órgãos federais do país. Um cuidando das pessoas trabalhadoras e outro da organização fazendária em prol da sociedade. Agora, profissionalmente, e coincidentemente, atuamos diretamente no governo de Minas Gerais. Você na direção jurídica da COHAB-Minas e eu na Direção-Geral da Imprensa Oficial de Minas Gerais. Receba meu fraterno abraço. Você é um orgulho para a nossa querida terra, São Lourenço.*

*Nélida Pinõn não foi por acaso a primeira mulher a presidir a centenária Academia Brasileira de Letras, a casa de Machado de Assis. Ela é a personificação do pioneirismo, do pensamento independente, do verso livre e da ação.*

*Como bem frisou várias vezes, a imortal, nascida e criada em Vila Isabel, no Rio de Janeiro, sentia o cheiro das ruas e tinha o coração do mundo, com experiências vividas na Europa, e em especial na Galícia, na mais tenra idade, tal e qual suas referências a São Lourenço.*

*Finalizando, ressalto que Ivanise e eu ficamos extremamente felizes com a confirmação, que o caro prefeito nos fez na semana passada, sobre a próxima instalação do Instituto Histórico e Geográfico de São Lourenço. E neste momento, quando se fala em direito e literatura, por que não ousar mais e pensarmos também na Academia de Letras de São Lourenço? Fica mais este desafio.”*



*Pronunciamento completo de saudação do jornalista Rogério Tavares*

*“São Lourenço homenageia hoje um advogado e uma escritora. Aquele, filho biológico dessa terra. Esta, filha adotiva, afetiva, efetiva.”*

*“A aproximar Nélida e Carlos, a fidelidade à causa que deu a eles o sentido da vida: no caso de Carlos, a Justiça; no de Nélida, a Literatura.”*

*Boa tarde a todos. Cumprimento, em especial, os integrantes da mesa: o Prefeito Municipal de São Lourenço, dr. José Neto; o representante da Câmara dos Vereadores, Vereador Nei Alves; o Chanceler da Comenda Ambiental da Estância Hidromineral de São Lourenço, Eugênio Ferraz, um dos principais líderes da cultura de Minas, e os homenageados de hoje, o advogado Carlos Cosenza e a escritora Nélida Piñon.*

*Minhas senhoras e meus senhores:*

*São Lourenço homenageia hoje um advogado e uma escritora. Aquele, filho biológico dessa terra. Esta, filha adotiva, afetiva, efetiva.*

*Carlos Cosenza, militante do Direito, defensor dos trabalhadores, atuou em sindicatos, prefeituras e no Ministério do Trabalho, como delegado regional em Minas Gerais.*

*Nélida Piñon, cultora das Letras, jornalista, professora de criação literária, escreveu contos, romances e ensaios. Distinguida por diversas universidades estrangeiras, ganhou importantes prêmios literários e foi a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras.*

*A aproximar Nélida e Carlos, a fidelidade à causa que deu a eles o sentido da vida: no caso de Carlos, a Justiça; no de Nélida, a Literatura.*

*A irmaná-los, o amor a São Lourenço, habitada por um povo hospitaleiro e generoso, que, desde sempre, compartilha com brasileiros de todas as regiões as maravilhas de que o Criador dotou o seu território.*

*A uni-los, as lembranças dos tempos felizes aqui passados. Lembranças ativadas e renovadas nessa agradável tarde de sábado.*

*Belo e rico é o testemunho sobre São Lourenço dado por Nélida Piñon, em sua majestosa obra literária.*

*Quantos lugares, no Brasil, dispõem de tal privilégio? Pouquíssimos. Nos livros da autora, São Lourenço é a caixa da memória. É a utopia da infância, o território da invenção. É o lugar, ao lado de Borela, na Espanha, em que Nélida ampliou o gosto por ouvir histórias.*

*São Lourenço é o cenário. Tem o Parque das Águas, o caramanchão situado na aleia mais transitada, a fonte à beira do lago, o pavilhão. Tem o Hotel Rio – São Paulo e a chácara do Ramon, programa irrenunciável.*

*São Lourenço abriga personagens: os dois irmãos, de tamanho e peso díspares, rigorosamente inseparáveis, donos da lojinha que vendia filmes, caramelos e cartões postais; o mágico e sua filha, Norma; a mulher em trajes ciganos, encostada em uma coluna do vestibulo do hotel; o cigano magro, de cabelos negros, que trazia a sorte nas mãos.*

*São Lourenço tece enredos: a visita de Getúlio Vargas, a consulta à cartomante, as longas viagens desde o Rio de Janeiro, baldeando em Cruzeiro, parando nas estações pobres e solitárias, que ganhavam existência à passagem fugaz do trem.*

*São Lourenço ata laços que não se desfazem nunca, por mais que o tempo passe: como esquecer o avô Daniel, que se agiganta à medida que dá ordens? Como olvidar a avó Amada, surgindo à entrada do salão de jantar vestida de seda e salto alto, repartindo sorrisos? Como não recordar os passeios a cavalo com o pai, acomodada na sela inglesa, de rédea solta, apostando corrida?*

*São Lourenço apura o sentir e o gosto, sob forma de compotas, dos doces vindos em caixetas, da manteiga Miramar, da canja de galinha, das águas da fonte Vichy, dos novos amigos, dos livros que o pai emprestava. Sob a forma dos deliciosos pingos de doce de leite, para comer sob o céu estrelado, antes de dormir.*

*É a experiência de todos nós: nada como o exercício da memória para alimentar a alma e seguir adiante, sob sua inspiração.*

*Vitoriosa é a cultura que autoriza e estimula a livre circulação entre os tempos históricos, atividade fundamental para a compreensão do presente e a projeção de um futuro melhor.*

*Feliz, pois, é a sociedade que reconhece o campo mais fértil para o resgate, a preservação e a constituição da memória: a literatura.*

*Privilegiada, portanto, é a gente que respeita e admira os seus escritores, como São Lourenço faz hoje.*

*Engenheiros artesãos do pensamento e da lingua-*

*gem, eles ajudam o seu povo a descobrir quem é e em que época vive, além de contribuir para que a vida fique mais bonita, mais interessante, e, por que não, mais divertida.*

*Pescadores de histórias, são os escritores que lançam ao mar a rede imensa que nos abraça como membros da família humana. É essa mesma rede, tecida de afetos e recordações, que nos conecta hoje aqui, quando se abrem as comemorações de mais um aniversário de São Lourenço. Vigorosa e bem cuidada, a cidade soube preservar os seus encantos, para continuar atraindo turistas de todas as partes.*

*Assim como fez com Carlos e Nélide, que ela também inspire as novas gerações.*

*Que venham as moças e os moços, para beber de suas fontes de água limpa, que mata a sede e purifica corpo e mente.*

*Que, daqui para o mundo, partam outros carlos, igualmente honrados e combativos.*

*Que aqui aportem outras nelidas, igualmente curiosas e entusiasmadas pela vida, com o coração andarilho e o apetite de almas, tendo em Piñon o exemplo que inspira, e a palavra poderosa, uma de suas frases mais famosas, com que encerro essa saudação, com uma exortação à juventude: 'Nada é impossível, desde que você se atreva'.*



Fotografia: Divulgação



# A Precedência do Juiz

J. Afrânio Vilela\*

**R**ecentemente reencontrei duas velhas fivelas em cinto grosso de couro, que meu pai usava desde os tempos de boiadeiro, quando levava o gado da região de Campo Belo/Cristais para engorda em Goiás, por terra, em viagem que durava mais de 40 dias. O retorno era de trem da então Viação Mineira, para evitar o emagrecimento dos animais. Veio-me à mente um caso por ele contado. Acredito que essa memória cultuada se deve ao fato de que, ainda pequeno, meu olhar horizontal se deparava com o cinto em sua cintura e o grande molho de chaves que ele sempre conduzia, pelo seu então ofício. Como todo Vilella, ele contava causos. Não mentia. Poderia exagerar num ou noutro detalhe, sem importância para o contexto geral, como a pesca de um peixe com dimensões acima da normalidade, ou a luta com uma onça, dentre outras. Morávamos em Ibiá. No linguajar indígena dos Araxás significa local das Terras Altas, onde as águas nascem no topo das serras e descem pelas encostas. “Para umidificar as fecundas sementes que gerarão alimentos e frutos”, pode ser acrescido. Meu pai saiu de Campo Belo, no final da década de 30, para, juntamente com José Cambraia, produzirem charque na antiga Charqueada de Manuel Terra Cruz. Enquanto trabalhavam nesta construíram uma nova charqueada, hoje em ruínas, o que é historicamente lamentável, pois a memória preservada é medida de cultura de um povo. A produção era endereça-

da ao nordeste. Tempos depois, grande perda. José Cambraia morreu em acidente aeronáutico. Houve a falência do negócio. Para Vilella, beirando os 50 anos, na década de 1950, sobrou a função de encarregado da patrulha rural, um conjunto de máquinas que organizava as estradas rurais do município. O compadre e prefeito “Sô Bartinho”, perdeu a política, e meu pai o emprego. Surgiu a vaga de carcereiro, pois seu Deodato, marido da d. Teodora, a parteira de meu nascimento, passaria à merecida aposentadoria. Emprego Estadual. Longe da política local.

O município comportava a Comarca. Já tradicional e muito respeitada no mundo jurídico. Era de Segunda Entrância e, geograficamente, uma das maiores de Minas Gerais. Limitava com as de Luz, Araxá, São Gotardo e Rio Paranaíba. Vasta área, com vasta jurisdição do Juiz que a dirigia. Integravam-na também os municípios de Pratinha e Campos Altos. Comarca sempre muito organizada, com bons, leais e comprometidos servidores: do judicial e do extrajudicial. Fora instalada no antigo prédio do Paço Municipal, que hoje chama-se edifício José Vilella, apesar de carcomido e descaracterizado, ainda hoje imponente na Avenida Madre Maria de Jesus, o qual abrigava o Fórum, a Cadeia e a Delegacia de Polícia. Estes no andar térreo. Isso até início da década de 1970. A construção seguia arquitetura assemelhada aos prédios antigos da capital, Belo Horizonte, copiados pela Comissão do antigo Arraial de





*Fórum de Ibiá, 1923*

São Pedro de Alcântara, formada por pessoas da sociedade, conforme exigência do Presidente do Estado, Doutor Melo Viana, para instalar o Município. Época nostálgica. Naquele tempo utilizava-se uma criança para realizar o sorteio de jurados, no prédio antigo. Eu era sempre lembrado pelo oficial de justiça, senhor “Juquinha”, que após o solene ato entregava-me uma cédula amarela de valor suficiente para comprar muitos doces. Mas, a maior recompensa era poder, durante alguns minutos, observar aquele ambiente solene, de pessoas elegantes e de falas difíceis, porém atraentes. Tenho isso como lembrança. Crimes existiam. Até mesmo violentos. Porém, sem a gravidade social de hoje. Chegou o tempo em que mudança se fez necessária porque o Governo construía novos prédios

para Fóruns em todas as Comarcas. Poucos sabem que naquele antigo prédio do Fórum, até pouco tempo, da Cadeia, na Avenida Madre Maria de Jesus, a parte do fundo, onde se situavam as celas para a guarda de perigosos bandidos ou simples arruaceiros, já à época, não oferecia resistência. Explico: era anexo ao prédio que serviu como a primeira Escola Pública de Ibiá, conforme também exigira o Governador. Eram de adobe. Para quem não sabe adobe é a simples mistura de barro e água. O Governo, no final dos anos 60, entendeu que era necessário construir novo Fórum e deixar aquela construção exclusivamente para delegacia de polícia e cadeia pública. E assim foi feito. Prédio novo, móveis novos, tudo novo. Agora na Praça Santa Cruz. Parte “nova” da cidade.

À época, José Vilella era uma espécie de auxiliar geral das “autoridades” e transitava muito bem por todos os ambientes, eis que muito respeitador e cumpridor da etiqueta necessária. O Desembargador Mario Lúcio Carreira Machado afirma ter sido ele o precursor do sistema que recupera o preso pelo trabalho, posto que a proximidade com as autoridades da segurança e o conhecimento de administração prática da charqueada propiciavam-lhe saber quais condenados “tinham condições” de trabalhar fora do presídio.

De acordo com a aptidão, conseguia emprego para os detentos em fazendas, comércio, e outros locais probos. Para tanto, fazia relatório contendo certidões sobre o comportamento do condenado, declaração do futuro empregador e apresentava ao Juiz que, após ouvir o ilustre representante do Ministério Público, via de

regra, o pleito deferia. Não se notou quebra da confiança, diga-se de passagem. Era o responsável pela casa do Juiz quando este viajava. Também era instrutor de novos motoristas, um precursor de autoescola, de fato, para os familiares das autoridades e algumas pessoas escolhidas da sociedade. Foi com ele que aprendi a dirigir.

No ambiente forense, surgira grande amizade entre o Escrivão do Crime, Sr. José Maria Sant’ana e meu pai. Fato é que se davam à liberdade de diversas brincadeiras. O outro integrante do grupo de brincalhões era o farmacêutico José Andrade, grande profissional em Ibiá, de saudosa memória, a exemplo dos outros. Zé Maria chegou a “falsificar” um mandado

de prisão, expedido contra José Vilella. José Vilella, retrucava com outras brincadeiras. Foi das mãos de José Maria que assinei carga do primeiro processo em que funcionei como advogado, em 1985. Era de júri que fiz em Ibiá, nomeado advogado gratuito pelo Juiz Carlos Borges.

Pois bem. O Fórum novo acabara de ser inaugurado. O juiz de Ibiá era ilustre magistrado, culto e brilhante. Posteriormente foi juiz em Araxá e depois desembargador que engrandeceu o Tribunal de Justiça,

que hoje integro com honra. Era homem muito sério, especialmente dentro do Fórum. “Extra-judicialmente”, amigável e afável. Ainda menino, acompanhei meu pai várias vezes ao Fórum para a apresentação do relatório, meticulosamente redigido em cada mês, sempre em casa e próximo de sua escrivaninha preta,

onde guardava os livros oficiais. Nessas oportunidades, vestíamos a melhor roupa, pois afirmava meu pai que não se entrava naquele ambiente de austeridade de qualquer jeito, especialmente para falar com sua Excelência, o Juiz. A fivela mencionada fechava o cinto do qual pendiam as chaves do prédio, inclusive, de todas as celas da cadeia. Como eram de metal, o tilintar chamava a atenção e anunciava quando ele estava por perto. E a mim, serviam de aviso para interromper brincadeiras indevidas, retornar ao estudo, ou “tomar tenência das coisas”.

Contou-me meu pai que, naquele dia do passado, para ir ao novo Fórum, o da praça Santa Cruz, ele se vestiu com camisa branca de manga comprida,

*“Nessas oportunidades,  
vestíamos a melhor roupa,  
pois afirmava meu pai que não  
se entrava naquele ambiente  
de austeridade de qualquer  
jeito, especialmente para falar  
com sua Excelência, o Juiz.”*

da, abotoada até o punho, e calça cáqui. À época, logo à frente da porta principal do Fórum uma escada dava acesso ao andar superior. No inferior, havia os cartórios e as demais salas necessárias à atividade judiciária. Que saudades! Mas isso será tema para outro conto. No andar superior, os gabinetes do Juiz e do Promotor de Justiça. Ali ficava, a exemplo de hoje, o Salão do Júri, e, obviamente, o Cartório do Crime e das Execuções Fiscais, a cargo do escrivão José Maria. No dia fatídico não acompanhei meu pai. De-

vidamente arrumado e bem vestido, ele subiu a Rua 20, ultrapassou a Praça Santa Cruz. Tão logo adentrou ao passeio do Fórum e já à porta, visualizou a figura imponente do Juiz, a grande Autoridade, aquele a quem todos deviam respeito e reverência, pelo ofício. Segundo dizia, a maior autoridade da Comarca. Podia mandar prender e soltar. Era

ele que comandava as chaves que meu pai trazia à cintura. Realmente era pessoa importante esse Juiz! De outras vezes já o vira. Terno de linho claro e lenço no bolso do paletó. Aparecia-me como um Rei, ou alguém muito poderoso que sequer poderia ser tocado. Ensinou-me o pai que os mais velhos têm preferência para sentar, entrar em locais, dentre outras. Então, ele cumpriu com a precedência, o que dava ao juiz o direito de adentrar aos umbrais do prédio do Fórum, e também galgar solenemente, depois de um “boa tarde” ao Senhor Álvaro Azevedo, à sra. Carminha Paiva e ao Sr. Fernandinho Portela, e outros, às escadas que através de dois lances de degraus, conduziria Sua Excelência ao devido patamar de sua importância e

relevo: o andar superior. E assim se cumpriu. A porta do Cartório do Crime era próxima à grande janela de vidro, e dela avistava-se, e avista-se, a “Praça Santa Cruz”. O Escrivão avistara meu pai chegando. E explicou mais tarde que o vendo tão “alinhado” resolveu fazer uma brincadeira. Muito suja! No alto da escada, havia um balde cheio de água resultado da limpeza diária. Dentro, um pano de chão. Sabedor que o único lugar por onde Vilella poderia passar seria pelo vão da escada, o escrivão munuiu-se daqueles instrumentos e,

tão logo obteve a visão da cabeça, despejou o conteúdo. Molhou e sujou a pessoa que iniciava a subida das escadas, no seu compreender, o Vilella. É caso explicado pelo direito penal: o autor “atirou” no que havia visto pela janela de vidro do saguão do Fórum e acertou no que pelo ângulo não fora possível ver, ou seja, o Juiz de Direito, que devidamente banhado olhou para cima e o

flagrou em atualidade delitativa. Sei, por ter ouvido por muitas vezes que o assunto ferveu entre os dois amigos, que se acusavam mutuamente pela responsabilidade do fato que precedeu ao grande “sabão” do Juiz, em função de inaceitável conduta no sagrado ambiente da Deusa Themis. Não foi lavrado veredito definitivo sobre quem efetivamente foi o culpado pela “molhança” do Juiz. Fosse hoje, talvez surgisse imputação a terceiro, em versão concreta de culpa presumida da senhora responsável pela limpeza, ante a sua imperdoável desídia caracterizada por abandonar um instrumento de crime à disposição do escrivão, que não perdia uma oportunidade para brincadeiras, especialmente com o carcereiro. Culpada!

*“Fosse hoje, talvez surgisse imputação a terceiro, em versão concreta de culpa presumida da senhora responsável pela limpeza, ante a sua imperdoável desídia...”*

**\*Desembargador**

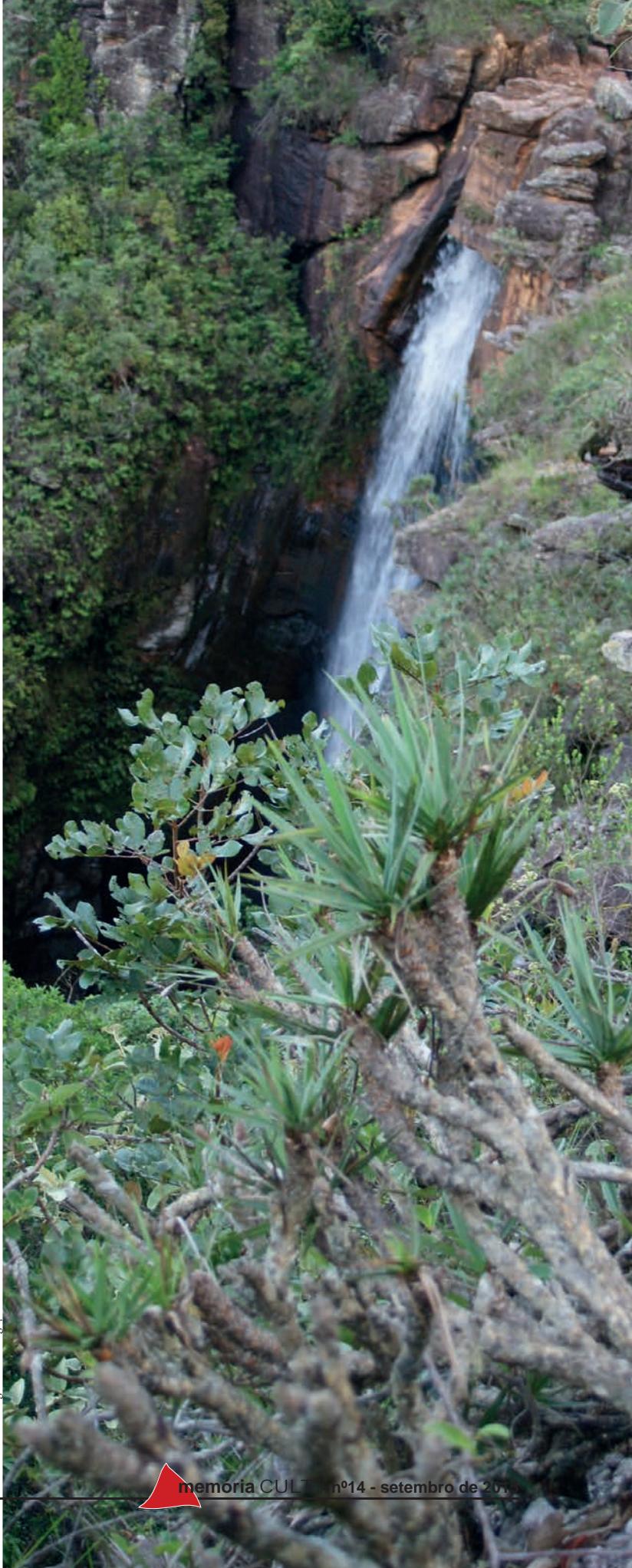


# Livro revela situação grave das águas de Ouro Preto

Mauro Werkema\*

**A** vida nasce e se sustenta pela água tanto quanto pela luz do Sol. Mas, cada vez mais, por irresponsabilidade das sociedades humanas a água vem se tornando um bem raro e caro, em condições de uso humano e nas múltiplas atividades das sociedades contemporâneas em que é essencial. Em Ouro Preto – como também em proporções diferentes em toda a Região dos Inconfidentes - a disponibilidade de água, em quantidade e qualidade, é crítica em vários aspectos. Por isto, torna-se um documento fundamental e importantíssimo o livro “Água e cultura – Inventário das fontes de água em Ouro Preto” (Graphar Editora, março/2015), com textos científicos de especialistas da UFOP reunidos pelo editor Paulo Lemos e que fornece análises e informações preciosas sobre os mananciais de água do município, as fontes que abastecem a cidade e sua qualidade. Cada texto apresenta informações fundamentais à gestão das águas pela cidade e esclarece sua população sobre o produto que está consumindo, mostrando que muitos são os perigos e várias as fontes de doenças de veiculação hídrica, entre muitas outras mazelas que compõem um quadro dramático para uma cidade que quer ser destino turístico internacional e que recebe visitantes de todo o mundo.

Fotografias: Divulgação





Não há propriamente escassez de fontes de água em Ouro Preto. O que há é um precaríssimo sistema de captação e de análise e tratamento que possibilite identificar a composição danosa à saúde humana, como demonstrado sobejamente em vários textos, com a constatação de elementos químicos e coliformes de várias origens, principalmente fecais. A Escola de Farmácia, há muitos anos, e repetidas vezes, advertiu sobre a má qualidade da água de Ouro Preto, comprometida por antigas minas e fossas nos morros onde não existe coleta de esgotos. No entanto, poucos são os cuidados e mesmo o tratamento não passa de uma clorificação primária.

Mas tão ou mais importante é a afirmação de que não haverá solução, para manter a quantidade aproveitável e a qualidade, se o sistema não for aprimorado a médio prazo, o que não se conseguirá sem a hidrometração, ou seja, a colocação de hidrômetros na saída dos reservatórios e na entrada das residências. É o hidrômetro que mede a perda da água e permite o controle do consumo, além de ser social e economicamente justo quanto à cobrança da água consumida. Esta cobrança é vital e a população de Ouro Preto precisa compreendê-la como necessidade urgente, a exemplo do que ocorre em todas as cidades organizadas de todo o mundo. No momento, o cálculo é que Ouro Preto perde mais de 50% da água captada, um dos piores índices do Brasil. Paralelamente, é urgente um programa que evite o consumo de águas contaminadas.

Algumas afirmações, feitas a partir de pesquisas de campo e análises científicas das nascentes, representam conhecimentos essenciais para Ouro Preto. As características químicas da água decorrem dos meios onde nascem e por onde passam e Ouro Preto, por

sua geologia, sua topografia mas, e principalmente, pelas inúmeras minas antigas, como também por fossas, tem fontes muito comprometidas. Existem análises químicas, da UFOP, que apontam, em várias fontes, impropriedades para o consumo humano. E são inúmeras as doenças de veiculação hídrica, constatadas em Ouro Preto por diagnósticos médicos. Texto científico afirma que as águas encontradas em Ouro Preto, especialmente aquelas que passam por antigas minas, possuem concentrações elevadas de arsênio, manganês, cobre, chumbo e cádmio, em valores acima do permitido pela Organização Mundial de Saúde e pela Portaria 2.914, do Ministério da Saúde. E conclui ainda que as águas e chafarizes que descem da Serra do Ouro Preto, onde se concentram as antigas minas, estão contaminadas, embora abasteçam vários bairros. E afirma que a maior concentração de arsênio, um veneno, foi encontrada no Bairro Padre Faria, chegando a 283 pg/L no período chuvoso, 30 vezes acima do limite de 10 pg/L. Esta situação se repete em várias fontes. Chega-se a recomendar a suspensão imediata do consumo pela população nas regiões onde a água está mais comprometida, que um dos artigos aponta com precisão.

O livro, pela palavra dos diversos especialistas, é um contínuo e dramático relato da situação das águas de Ouro Preto. Além da composição química, existem contaminações por falta de limpeza e cuidados junto às fontes e coletas, onde se constatou a presença de lixo, ligação com esgotos e presença de animais. Os esgotos, via fossas, se espalham pela cidade, sobretudo nas ocupações irregulares e desordenadas, em terrenos de elevada aclividade e geologia drenável, sem a presença de sistema público de coleta. E não há

o tratamento amplo desta água, nem o convencional e muito menos o especializado que seria capaz de remover elementos químicos. Implantar sistemas adequados de saneamento básico em Ouro Preto, em todo o seu ciclo, da captação, transporte, armazenamento e distribuição domiciliar, é algo que exige muito investimento e que é complexo em Ouro Preto, por sua topografia e pela necessidade de remoção de sistemas muito antigos. A Copasa não mais se interessa pelo elevado imobilizado financeiro necessário e porque não trabalha mais com objetivos sociais, ou seja, só com sistemas rentáveis. E a Prefeitura não tem condições de arcar com tamanhos investimentos. Mas poderia, para começar, elaborar um programa para o que já conta com as pesquisas contidas no livro e certamente também com a UFOP e os professores especializados. E realizar a hidrometração, o que pelo menos contribuiria para resolver a questão da falta d'água, que se torna crônica em Ouro Preto.

O fato é que o livro do editor Paulo Lemos é um documento que aponta, com critérios e pesquisas científicas,

um dos aspectos mais graves e dramáticos da tricentenária cidade e que deveria mobilizar não só a Prefeitura mas os governos do Estado e Federal. O texto impressiona na medida em que revela um quadro altamente preocupante e que, embora já conhecido e denunciado, nunca tinha sido mostrado com tamanho detalhamento em todos os aspectos e com embasamento científico. A situação encontrada é de tal ordem grave que ficamos pensando em como puderam as administrações passadas, certamente informadas deste quadro, não terem pelo menos denunciado ou encaminhado soluções possíveis. Merece leitura, análise e deve motivar as intervenções possíveis nas situações mais graves. Mas não há dúvida de que se trata de uma das mais urgentes e preocupantes realidades de Ouro Preto, a exigir posicionamento eficiente e responsável no sentido de remover desde já as contaminações mais perigosas. Vale a leitura como forma de uma tomada de consciência desta preocupante situação, muito grave para uma cidade que está na lista da UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade.

\*Jornalista

## O projeto

O livro Água e Cultura-Inventário de Fontes de Água da região de Ouro Preto contou com a parceria da Universidade Federal de Ouro Preto, departamento de Engenharia Ambiental, Departamento de Geologia e Uni Twin da Cátedra da UNESCO-Água, Mulheres e Desenvolvimento.

Contou também com a parceria Institucional da ANA-Agência Nacional de Águas e do IGAM-Instituto Mineiro de Gestão das Águas. Mas, sobretudo com o patrocínio ético da Samarco Mineração SA que se posicionou como parceira desde o primeiro momento da ideia.

Como projeto Piloto este projeto tem a ideia básica de que todas as comunidades devem ter seu INVENTÁRIO DE FONTES DE ÁGUA, disponíveis para todos os cidadãos de tal forma que todos conheçam as origens da água que consomem e assumam a preservação das fontes como bem comum.

Neste momento o Projeto de levantamento de Fontes de Água já está em desenvolvimento para outras três cidades: Mariana, Santa Bárbara e Catas Altas e esperamos expandir para o maior número possível de localidades para que a ideia se espalhe e possamos todos tomar o cuidado com as fontes de água como uma ação de cidadania, saúde e qualidade de vida. Contatos podem ser efetuados com os editores via o email: [legraphar@gmail.com](mailto:legraphar@gmail.com).

# Galeria de ARTE



[www.iarremate.com](http://www.iarremate.com)



## Educando com arte

*Projeto integrado de educação patrimonial e educação fundamental,  
no Museu das Reduções, para alunos dos 5º e 6º anos.  
Informações: (31)3553-5182 / museudasreducoes@gmail.com*

**INDIC**  
INSTITUTO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO E  
INTEGRAÇÃO CULTURAL